

SUBSÍDIOS PARA A SEMANA DOS SEMINÁRIOS 2021



Por que é que os atuais
seminários
precisam de mudar

Poucos sabem que os seminários, tal como nós os conhecemos, são uma invenção jesuíta. É por esta razão que, em muitos locais, os seminários ainda são administrados por jesuítas. Também poucos sabem que, quando surgiram os **primeiros seminários**, no século XVI, eles foram saudados como uma inovação bem-vinda. Até ao **Concílio de Trento** (1563), os padres recebiam a sua “formação” de acordo com o modelo de aprendizes. Um jovem que desejasse ser padre, aprendia a “mecânica” de rezar a missa, um pouco de latim para o poder fazer, e sujeitava-se a um aconselhamento pastoral com um padre da vizinhança. O candidato permanecia durante algum tempo junto de um padre mais velho, recebendo as suas instruções. Não era muito, mas também não se esperava muito dele. Os padres eram, naquele tempo, celibatários apenas no nome – costumavam viver em concubinação com uma mulher local, um arranjo aceite por todos.

Como a Reforma nos mudou

Entretanto, porém, duas coisas aconteceram, durante a Reforma, que mudaram esta situação. Em primeiro lugar, os **pregadores luteranos e calvinistas** eram vistos como, obviamente, melhores: eram mais hábeis na pregação e na escrita; tinham estudado as Escrituras e os primeiros Padres da Igreja em maior profundidade, e ofuscavam o **clero católico**. Também promoveram, publicamente, o casamento como

uma vocação para o clero, em vez do pobre sistema de ‘*common law*’ praticado pelos católicos. Os jesuítas – homens como Inácio, Laínez, **Canísio** e Belarmino –, rapidamente, perceberam que o seu clero não poderia competir com os seus pares protestantes, a menos que fosse mais bem preparado. Deste modo, estabeleceram escolas especiais, destinadas à formação de candidatos à ordenação, de uma forma gradual e sistemática, tanto intelectual quanto espiritualmente. Nasceu, assim, o **seminário [“sementeira”]**.

Inovações jesuítas

Houve duas inovações jesuítas que já usaram a nova tecnologia de imprensa: **o catecismo e o livro didático**. O catecismo, popularizado por **Canísio** e **Belarmino**, apresentava “perguntas frequentes”, combinadas com respostas simples e inteligíveis. Teve tanto sucesso que, rapidamente, se tornou um sustentáculo católico, e foi usado onde quer que a fé fosse pregada. O livro didático era o equivalente intelectual do **catecismo**: ‘capítulos’ especialmente preparados sobre um tópico, graduados para dar uma ideia de um novo assunto, e impressos e encadernados para fácil referência. Isto alterou toda a aprendizagem, dando origem à Escola dos Jesuítas. Uma terceira inovação, que também se espalhou como fogo nas mãos de pregadores engenhosos, foi a prática dos Exercícios Espirituais, com a sua insistência na confissão e comunhão frequentes, e no exame de

consciência diário. Tornou-se parte integrante da formação dos jovens como futuros padres. Na **Igreja pós-tridentina**, estas novas escolas de formação espalharam-se, rapidamente, por todas as dioceses, não apenas na Europa, mas também nos países de missão. **Francisco Xavier** fundou um em Goa, na Índia, o colégio de São Paulo, logo que desembarcou na região, em 1542. Durante quatrocentos anos, portanto, o sistema de seminário proporcionou à Igreja um corpo de homens educados e dedicados, que dirigiam as suas igrejas, paróquias, escolas e instituições de bem-estar, e forneceu um modelo a que todos os meninos católicos podiam aspirar.

Por que precisamos de mudar

Se foi um modelo com tanto sucesso, por que tentar mudá-lo? Porque o mundo mudou, e o que tem sucesso numa época ou cultura, pode tornar-se um obstáculo noutra época e lugar. A **Reforma** recomendou à Igreja que os seus líderes fossem bem-educados. Foi por isso que a formação nos seminários teve, sobretudo, objetivos intelectuais focados, especialmente, na filosofia e na teologia. Os padres de ontem foram formados segundo um **modelo religioso e patriarcal**. Além disso, também tinham um forte sentido do direito. No mundo secularizado de hoje, entretanto, os problemas estão mais relacionados com as ciências sociais e com a gestão e tecnologia. A nossa situação social é, também, mais pluralista e democrática do que era antes. Não é de admirar que

muitos padres se sintam perdidos, no relacionamento com o público em geral. A sua formação foi muito abstrata e unilateral.

Problemas de maturidade emocional

Mas, ainda, existem questões mais sérias. O **seminário** sempre foi uma instituição unissexual: **homens formando homens, homens acompanhando homens** durante anos a fio. Como uma reação à ênfase protestante de um clero casado, a **tradição católica** enfatizou o celibato vitalício. Infelizmente, depressa esta prática se tornou hostil às mulheres, e ignorante das **necessidades da sexualidade humana**. Nos últimos anos, ficamos surpreendidos com a existência de **predadores sexuais entre o clero** e, em particular, com os ataques de **pedofilia**. Ora, a ênfase posta, apenas, nas competências intelectuais, ainda para mais numa atmosfera segregada, contribuiu muito para as carências na privação emocional de muitos padres. Muitos são pobres no relacionamento, agressivos no comportamento, e ambiciosos nas aspirações – uma atitude conhecida, agora, como **“clericalismo”**. O papa Francisco denunciou o **clericalismo** como um cancro entre o clero. Para o destruir, os atuais seminários devem ser encerrados.

Quais as alternativas?

Podemos guiar-nos pelo modo como Jesus formou os seus discípulos, tal como nos vem descrito nos

Evangelhos. Jesus formou os seus discípulos mantendo-os no meio do povo, e não os pondo à parte. Há uma ou duas coisas que merecem a nossa atenção. Quando chama alguém para uma missão, Jesus exige que, esse seu discípulo, desista de tudo o que diga respeito à família e à propriedade. E quão crucial, isto é, numa cultura muitas vezes apegada à família e à casta, e tão relutante em desistir das vantagens do cargo, do *status* e dos privilégios?! Depois, como mentor, Jesus interage com os seus discípulos e esclarece as suas dificuldades, ao mesmo tempo que os incentiva a participar no seu ministério de ensino e cura. O ensino de um mentor é baseado em experiências, compartilhadas e refletidas. O que levanta uma questão importante. A Igreja dos últimos dois milénios, destacou-se pela sua misoginia, o seu ódio e **desconfiança em relação às mulheres**. E, no entanto, sabemos que a maturidade psicossocial só pode ser alcançada pela **harmonia intersexual**. Pois é verdade que, para muitos, as mulheres podem ser excelentes mentoras. Que isso possa significar a possibilidade de haver um **sacerdócio de casados no futuro**, e, também, a existência de mulheres sacerdotes, e a renúncia do celibato obrigatório, faz, provavelmente, parte desse quadro. Infelizmente, a feroz oposição a estas mudanças por parte de ambos, clero e hierarquia, mostra quão pouca abertura existe para um tipo diferente de sacerdócio.

PARA SE LEVAR A CABO A MUDANÇA QUE TODOS QUEREMOS

Cada grande mudança acaba por dismantelar a sociedade da qual provém. Aqui estão alguns exemplos contemporâneos: os **casamentos entre castas e inter-raciais**, impensáveis alguns anos atrás, estão a aumentar; a taxa de fertilidade entre as mulheres está a cair, vertiginosamente, em quase todos os países; a **migração em massa** destruiu a homogeneidade de muitas sociedades. Mas o desconhecido é sempre ameaçador, e verificamos isso mesmo no mundo de hoje. Como reagiremos se os líderes da comunidade – pastores, profetas – forem casados, ou mulheres, dalites (=impuros), ou líderes tribais? –, nós que estamos, desde sempre, acostumados a estrangeiros celibatários? Como reagiremos ao **discernimento comunitário** e à **cooperação inter-religiosa**? –, nós que sempre obedecemos, sem refletir, aos nossos superiores, sejam eles bispos, ou um papa distante, em Roma? Portanto, o colapso dos seminários e o surgimento de pequenas comunidades diferentes entre si, a “sementeira” dos nossos futuros padres, vai mudar a Igreja tal como a conhecemos, e dar origem a uma Igreja diferente, num mundo diferente. Mas tudo há de começar pela existência dum diferente tipo de padre, nas nossas paróquias.

MYRON J. PEREIRA, s.j.,
in *La Croix International*, 01-10-2021.

Pede-se à Igreja que os seus sacerdotes sejam cultos e saibam dialogar, diz Lídia Jorge



LÍDIA JORGE considera que entre vários padres subsiste uma ignorância em relação a criações elementares da arte e da cultura, que é preciso corrigir para aproximar a Igreja de mais pessoas, e constata que muitas homilias sobre o mesmo texto bíblico se repetem ao longo de décadas, indiferentes às mudanças no mundo.

«Pede-se à Igreja que os seus sacerdotes sejam cultos» e «tenham acesso a obras literárias, instrução do ponto de vista de gosto pela música, pelo teatro, pelas várias expressões da cultura», afirmou a escritora durante o 14.º ENCONTRO NACIONAL DE REFERENTES DA PASTORAL DA CULTURA, que

decorreu pela internet nesta quarta-feira.

No encontro organizado pelo SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA, LÍDIA JORGE sublinhou que o desenvolvimento da sensibilidade para a cultura deve ser acompanhada pela «capacidade de dialogar com as pessoas».

«Muitas vezes» fala-se com sacerdotes «que não leram nada, a não ser obras fundamentais da teologia», mas «são incapazes de perceber o que a obra de James Joyce, ou outra, lhes pode dar», referiu.

«É importante perceber que há toda uma cultura que está a passar debaixo dos nossos olhos»

Como exemplo da «espécie de aversão» que em alguns meios clericais existe em relação à cultura, contou às cerca de duas dezenas de participantes um encontro, «estranho», com um padre, que lhe declarou: «Quando

os sacerdotes começam a falar de poesia, temos tudo estragado (...) [porque] se entra num caminho que não se consegue dominar».

Ao lembrar a obra *“Verbo – Deus como interrogação na poesia portuguesa”*, com seleção de José Tolentino Mendonça e Pedro Mexia (ed. Assírio & Alvim), a escritora sustentou que há «poemas que podem perfeitamente circular pela Igreja, pelos crentes, e fazer parte das celebrações».

«É importante perceber que há toda uma cultura que está a passar debaixo dos nossos olhos», afirmou, antes de lamentar a existência de homilias que, «ano após ano», são proferidas «como se não corresse o tempo, como se de ano para ano não houvesse alterações».

Para Lídia Jorge, «as pessoas têm medo de falar do que vem nos jornais, medo de criar a sua própria narrativa; mas isso aprende-se. Devia haver um aprendizado da narrativa».

«Há uma espécie de assepsia, que a palavra dita e narrada não pode tocar neste mundo, há um tabique muito forte»

«A homilia é um momento importantíssimo» que «tem de ser aproveitado com a maior amplitude possível, com dados culturais vários; se isso não acontece, as pessoas vão à missa como foram

há dez anos ou como irão daqui a dez anos, sem a noção de que o mundo se transforma», assinalou.

Neste sentido, a escritora defendeu que o texto canónico proclamado nas celebrações deve ser «acrescentado com a narrativa do nosso tempo, que tenha a capacidade de chegar às pessoas através de novas parábolas sobre a parábola».

Depois de evocar um padre que, nas pregações, contava não só «histórias da Bíblia», mas também «histórias da vida», a escritora observou que se mais sacerdotes aproximassem o Evangelho dos acontecimentos do dia a dia, «as pessoas sentiriam a Igreja muito mais próxima».

«Há uma espécie de assepsia, que a palavra dita e narrada não pode tocar neste mundo, há um tabique muito forte», observou, ao responder à pergunta de como os católicos podem estar mais presentes no mundo da cultura.

A Igreja tem lançado «uma espécie de cortina perante os vários espaços culturais, não os faz seus, não os interioriza, pode assistir a uma ou outra coisa, ser amiga de uma ou outra pessoa, mas não os transforma naquilo que é a sua pregação», apontou Lídia Jorge.

Rui Jorge Martins / Imagem: Lídia Jorge | D.R. / Publicado em 29.04.2021

O Evangelho não é uma religião

- Foram os dirigentes do Templo, os Sacerdotes e os Sumos Sacerdotes que mataram Jesus. E ficou bem evidente que Religião e Evangelho são incompatíveis.

- A Igreja perderá “poder vertical” e ganhará “poder horizontal”, passará da “opressão” à “sedução”, no dia em que as pessoas virem e palparem que a Igreja não tem palácios e catedrais, nem templos monumentais, nem contas correntes em instituições bancárias de largos fundos...

- As igrejas estão vazias, há cada dia menos sacerdotes, menos vocações para os seminários e casas religiosas, as pessoas – sobretudo os jovens – vão cada vez menos à missa, e as festas religiosas estão reduzidas a simples festejos, chegando-se ao ponto de as devoções de antes, se terem convertido nas diversões de hoje em dia.



Houve alturas, há alguns séculos atrás, em que a Igreja deteve um poder que metia medo.

A Inquisição nesta vida, o inferno na outra, as excomunhões, e aqueles sermões que deixavam as pessoas a tremer como varas verdes. Mas as coisas mudaram, a ponto de a vida já não ser o que era dantes. Quase tudo, hoje, é diferente. De tal modo que julgamos estar noutra sociedade e noutras condições de vida.

É claro que não vou, agora, pôr-me aqui a explicar as diversas coisas que mudaram. E que não voltarão a ser o que eram antes. Tudo isso é evidente. Há coisas,

porém, que são a chave do que nos está a suceder, e nós nem nos damos conta do que nos acontece.

Vou tentar explicar-me. É um facto comprovado que, **sobretudo nos países mais industrializados, a Religião está em crise.**

As igrejas estão vazias, há cada dia menos sacerdotes, menos vocações para os seminários e casas religiosas, as pessoas – sobretudo os jovens – vão cada vez menos à missa, e as festas religiosas estão reduzidas a simples festejos, chegando-se ao ponto de as devoções de antes, se terem convertido nas diversões de hoje em dia.

É verdade que há muitos clérigos que não são, exatamente, um exemplo. É um facto. Mas penso que a raiz do que nos está a acontecer, se encontra noutro lado. Onde?

O poder da Igreja é o que era e como era. **Tratando-se de um poder religioso, é um poder (dizem os teólogos) que vem de Deus.** Isto quer dizer que, como é lógico, sendo um

poder que vem de cima (onde costumamos colocar Deus), e que se aplica em baixo (onde nos encontramos), se trata de um **poder vertical**, que se traduz num “poder opressor”, como o qualifica o professor Byung-Chul Han (coreano que estudou em Friburgo, e que leciona na Universidade de Munique). O que Deus nos ordena são dez proibições. Não nos esqueçamos de que o Decálogo são dez “nãos”: não matarás, não roubarás, não mentirás... Ou seja, proibir, proibir e proibir... (René Girard).



São “sal da terra”

Na vida dos mortais existe, porém, outra forma de poder, que é o “poder sedutor” (para citar de novo Byung-Chul Han). Neste caso, estamos a falar dum **poder horizontal**, que não brota da submissão, nem opõe a pessoa a quem pode mais do que ela, mas que tem a sua origem na “sedução”, que desperta no ser humano algo de que ele carece e que muito deseja, algo que o sujeito considera ser “superior a si mesmo” (Peter Sloterdijk, *Has de cambiar tu vida*, Valência, Pré-Textos, 2013, 217).

Não vou especular sobre estas duas formas de poder. Que as duas existem, isso não há dúvida. Que a Religião usou e abusou do “poder vertical”, não há que negá-lo. Que tendo lançado mão dessa forma de poder, se vê, agora, cada vez mais marginalizada, é algo de que nem os mais religiosos duvidam. Que fazer, então?

O Evangelho é, para mim, uma obsessão. O Evangelho não é uma Religião. Foram os dirigentes do Templo, os Sacerdotes e os Sumos Sacerdotes que mataram Jesus. E ficou bem evidente que Religião e

Evangelho são incompatíveis. A Igreja perderá “poder vertical” e ganhará “poder horizontal”, passará da “opressão” à “sedução”, no dia em que as pessoas virem e palparem que a Igreja não tem palácios e catedrais, nem templos monumentais, nem contas correntes em instituições bancárias de largos fundos... Nesse dia se poderá verificar que, **com uma palavra, apenas**, derrubaremos a “opressão” do “poder vertical”. Uma palavra que, no Evangelho, na boca de Jesus, é suficiente: “*Segue-me*”. Um chamamento que os Evangelhos repetem mais de setenta vezes. **Jesus não diz por que chama nem para que chama. Nem nos apresenta um projeto, nem nos promete uma recompensa.** No dia em que tomarmos tudo isto a sério, o poder horizontal da sedução derrubará, certamente, tudo o que não suportamos como opressões que já quase ninguém suporta.

JOSÉ MARÍA CASTILLO

https://www.religiondigital.org/teologia_sin_censura/Castillo-obsesionado-Evangelio-Religion-iglesia-vertical-horizontal-libertad_7_2388731108.html